

CARMÉZIA EMILIANO

A ÁRVORE DA VIDA

Textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS

CARMÉZIA EMILIANO

Artista indígena pioneira no cenário brasileiro contemporâneo, Carmézia Emiliano (Maloca do Japó, Roraima, 1960) trabalha com pintura desde a década de 1990. Sua obra se concentra em representações de temas da cultura macuxi: festas, danças e brincadeiras associadas ao cultivo e consumo da mandioca e a seu cotidiano, paisagens com lagos, pássaros e outros animais, com destaque para o monte Roraima. Os macuxis habitam a região fronteira entre a Venezuela, a Guiana e o Brasil, e são mais de 30 mil só em nosso país, onde vivem na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, cenário de embates com o garimpo ilegal. Na pintura de Emiliano há muitos detalhes intrincados, interconectados e ritmados que compõem extraordinários

CARMÉZIA EMILIANO

retratos de uma sociedade comunitária dotada de uma forte consciência ecológica.

Carmézia Emiliano: a árvore da vida apresenta 34 pinturas, quatro delas pertencentes ao acervo do MASP e produzidas especialmente para o museu, que revelam a relação que a instituição vem desenvolvendo com a artista desde 2018. A mostra também inclui oito trabalhos inéditos realizados para a ocasião. O subtítulo da exposição parte de uma obra do MASP que referencia o mito da Wazaká, a Árvore da Vida: cortado por Makunaíma, seu tronco fez surgir o monte Roraima e espalhou as sementes culturais macuxi pelo mundo. Makunaína é uma divindade brincalhona disseminada pelo romance *Macunaíma* de Mário de Andrade (1893-1945), um marco

CARMÉZIA EMILIANO

do modernismo brasileiro. O monte Roraima é um tema recorrente na obra de Emiliano e uma metáfora da imortalidade ou da fertilidade, por meio da qual a vivacidade da árvore transformada em monte confirma a continuidade da vida no universo.

A exposição está organizada em sete núcleos, que abordam desde temas relacionados à subjetividade da artista e à representação da figura humana, até a vida em comunidade, manifestada em pinturas que mostram habitações coletivas e espaços de sociabilidade. Destacam-se, ainda, os registros da transmissão de saberes, as redes de apoio entre as mulheres e a relação de profundo respeito e cooperação com a natureza. Trata-se de uma obra fundamental para compreender modos de

CARMÉZIA EMILIANO

viver, pensar, representar e criar tão singularizados por Carmézia Emiliano, numa perspectiva mais ampla, diversa e plural da arte e da cultura brasileira.

A ÁRVORE DA VIDA

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

CARMÉZIA EMILIANO

Carmézia Emiliano: a árvore da vida é curada por Amanda Carneiro, curadora assistente, MASP.

A mostra de Carmézia Emiliano integra o ano de programação do MASP dedicado às histórias indígenas, que inclui exposições do Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku), Paul Gauguin (1848-1903), Sheroanawe Hakihiwe, MASP Landmann e Melissa Cody, além da grande mostra coletiva *Histórias indígenas*.

1.

Em 2022, Carmézia Emiliano realizou seu primeiro autorretrato. Nele, a artista se coloca duplamente no centro – do quadro e de sua comunidade. A pintura é o ponto de partida deste núcleo que abre a exposição e apresenta temas recorrentes em seu trabalho, como o monte Roraima e as paisagens da tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana onde reside o povo macuxi de que a artista faz parte. Há também indícios da relação de comunhão entre indivíduo e natureza apresentados de maneiras distintas, com a representação de malocas, habitações indígenas interconectadas por trilhas que formam

CARMÉZIA EMILIANO

corpos sociais integrados. Ou, ainda, da interação harmoniosa da colheita de alimentos que a terra oferece e que acaba por resultar em momentos de fruição conjunta. No entanto, algo espreita à margem entre quem vê e o que é visto, em uma dinâmica entre identidade e distinção. Apesar dos muitos elementos enunciativos de pertencimento indígena, este não é um registro ao sabor antropológico. O trabalho de Emiliano revela a maneira como a artista observa e representa o mundo e, ao mesmo tempo, cria imagens que ela quer que sejam vistas: um exercício visual alimentado por imaginário longamente apurado, em que harmonia não parece ser sinônimo de apaziguamento.

CARMÉZIA EMILIANO

LEGENDAS DE OBRAS | 1

Eu, 2022

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação, Carolina Rossetti e Heitor de Araújo Martins, no contexto de *Histórias brasileiras*, 2022

O primeiro autorretrato realizado por Carmézia Emiliano é um feito que evidencia como as figuras indígenas são pouco vistas neste gênero da pintura e na história da arte. Vestida de azul e adornada com adereços confeccionados com as tão características plumas, sementes e contas, o que de fato chama atenção é o tom de sua pele. De um

CARMÉZIA EMILIANO

laranja vivo, como geralmente são pintadas as suas personagens, a cor remete ao uso do urucum ou do carajuru, plantas nativas da América tropical, muito populares entre os indígenas brasileiros como fontes de matéria-prima para usos variados, entre eles o de protetor solar. Seu semblante é atento à tela que pinta, esta posicionada ao ar livre em um tradicional cavalete de madeira. É possível notar sua típica composição pictórica, em que a faixa superior da pintura, sempre menor, é o lugar de um céu azul vibrante, que emoldura vidas em comunidade ou elementos da natureza.

CARMÉZIA EMILIANO

Pimenta é ouro, 2010

Óleo sobre tela

Coleção Juliana Siqueira de Sá e Manu

Ferraz, São Paulo, Brasil

Caxiri na cuia, 2001

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

2.

Fartamente representadas no trabalho de Carmézia Emiliano, as danças constituem um elemento central no repertório iconográfico da artista e revelam momentos coletivos de encontro e sociabilidade, festivos ou de caráter religioso. As pinturas são criadas com expressivos jogos visuais e cromáticos em torno de simetrias e repetições que conferem às obras, como é possível notar neste núcleo, um dinamismo e um ritmo extraordinários. O calendário das colheitas de alimentos se encerra com a realização do *parixara*, um ritual de agradecimento aos frutos do trabalho coletivo e de celebração da fartura. As representações da *dança do beija-flor* são

CARMÉZIA EMILIANO

criadas a partir da tensão entre movimentos circulares de rodas antagônicas. O círculo de fora, composto por duetos trajados com o amarelo vivo da palha de igarapé, move-se mais rapidamente do que o círculo de dentro, com figuras vestidas de palha de buriti. O contraste entre as velocidades distintas dos dois giros, que rotacionam em direções opostas, remete ao rápido bater de asas do pássaro. Já em *Forró na maloca*, um ritmo popular não indígena divide espaço com elementos macuxi. A composição da tela, compassada e espelhada, contrapõe-se aos casais trajados com roupas urbanas e ocidentalizadas e à habitações indígenas com redes ao fundo, anunciando relações de contato e apropriação.

LEGENDAS DE OBRAS | 2

***Parixara*, 2020**

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação anônima, no contexto da exposição *Histórias da dança*, 2020

Parixara é o termo utilizado para designar um ritual de comemoração e agradecimento à natureza, de culto à caça e à colheita. Durante o evento, serve-se o pajuaru, uma bebida fermentada de mandioca, enquanto os participantes tocam o keweï, um chocalho em forma de bastão e adornado com pequenas esculturas de animais diversos,

CARMÉZIA EMILIANO

como peixes, pássaros, abelhas e tatus. No quadro, a composição é organizada em diferentes registros, de forma quase simétrica, expressando também movimento. Duas ocas com suas respectivas redes e duas árvores estão posicionadas no eixo central da parte superior da tela. As figuras ocupam o resto do campo pictórico em três fileiras sobrepostas e alternam a direção de sua dança-caminhada de uma para a outra. A repetição de módulos de indivíduos com o mesmo traje de palha e seus bastões-instrumentos e que, além disso, adotam posições similares, confere um ritmo visual à pintura, evocando o compasso marcado dos cantos e o acompanhamento musical desta prática.

CARMÉZIA EMILIANO

Parixara e tacuí, 2008

Óleo sobre tela

Coleção Juliana Siqueira de Sá e Manuelle
Ferraz, São Paulo, Brasil

Dança do beija-flor, 2011

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

Dança do beija-flor, 2022

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

Forró na maloca, 2020

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

3.

Este núcleo revela o caráter essencialmente relacional de manifestações coletivas distintas, unidas pelas dinâmicas lúdicas de que são constituídas. O feriado do “Dia do Índio” foi apropriado e ressignificado por Carmézia Emiliano em um de seus trabalhos como um momento de celebração próprio às festividades do calendário macuxi, a exemplo do parixara, visto anteriormente. Há ainda uma corrida coletiva, brincadeira realizada por pessoas de diferentes idades e que ocorre durante o período de celebração da colheita. Finalmente, um grupo de mulheres executa tarefas diversas, preparando alimentos ao mesmo tempo que

CARMÉZIA EMILIANO

crianças se divertem em meio aos inúmeros afazeres realizados por meio de tecnologias e saberes cultivados por gerações. Tanto as brincadeiras como as dinâmicas de trabalho sugerem situações de troca e exercícios conjuntos de sociabilidade e aprendizado. Como ações indissociáveis, ofícios e jogos operam forças propulsoras de formas plurais de pensar e viver em comunidade.

CARMÉZIA EMILIANO

LEGENDAS DE OBRAS | 3

Dia do índio, 2020

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

Corrida de massa, 2012

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

Um caminho de terra desgastada liga uma floresta, à esquerda, a uma espécie de linha de chegada, à direita, onde também se nota um grande campo com malocas. O trajeto é percorrido por figuras humanas masculinas que, no mesmo compasso, correm de uma extremidade à outra. O percurso é

CARMÉZIA EMILIANO

responsável pela criação de uma forte linha horizontal, que estrutura a composição.

Acima, há torcedores assistindo e vibrando com o jogo, enquanto duas mulheres se sentam à beira da maloca para observar o pajuaru, bebida fermentada feita de mandioca, e a damurida, tradicional prato de peixe e pimenta. Abaixo, crianças e adultos se unem na brincadeira de jogar bolinhas – feitas com o excedente de mandioca na produção de alimentos e bebidas – nos competidores, provocando-os a superar os obstáculos. A maratona é tanto uma atividade lúdica quanto um exemplo do vocabulário visual e narrativo de Emiliano, marcado por ritmo e dinamismo.

CARMÉZIA EMILIANO

As índias preparando pajuaru, 2022

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

4.

No repertório visual de Carmézia Emiliano são temáticas transversais o senso de coletividade e a importância da comunidade em dinâmicas fortemente enraizadas entre os macuxis. Nesse sentido, é recorrente a figuração das malocas, que se referem tanto às habitações indígenas coletivas e compartilhadas quanto à própria comunidade. Quando não são o tema central, as malocas costumam constituir, para a artista, um recurso de composição visual que localiza as personagens e os espaços. Emiliano compõe essas construções de tamanhos, alturas e larguras diversas, que às vezes aparecem fechadas ou, quando abertas, são estruturadas por

CARMÉZIA EMILIANO

pilares verticais amarelados, que contrastam com a triangulação do telhado. Colorido em tons pastéis de cinza e bege e elaborado com palha de buriti, o forro difere da vibração e vivacidade cromática do restante de sua obra, além de ser uma marca da mescla entre geometria e figuração. Em geral, as malocas também abrigam redes de dormir, que embalam enredos entre figuras humanas e participam do sentido de convívio e sociabilidade. As redes são uma invenção indígena extraordinária e, na produção de Emiliano, acomodam pessoas em inúmeras situações e em todas as direções; algumas as partilham em duplas, enquanto outras telas as revelam como símbolos de uma camaradagem que enseja participação.

A ÁRVORE DA VIDA

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

CARMÉZIA EMILIANO

LEGENDAS DE OBRAS | 4

Maloca do Chuminá, 2022

Óleo sobre tela

Coleção Coleção Mônica e Fábio Ulhoa

Coelho, São Paulo, Brasil

Maloca do Contão, 2022

Óleo sobre tela

Museu do Sol, Penápolis, São Paulo, Brasil

As Malocas, 2020

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

CARMÉZIA EMILIANO

***Redes*, 2019**

Óleo sobre tela

Pinacoteca do Estado de São Paulo,
doação, Patronos da Arte Contemporânea
da Pinacoteca do Estado de São Paulo,
Associação Pinacoteca Arte e Cultura,
2021, Brasil

***Contando histórias*, 2019**

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

A obra *Contando histórias* apresenta uma expressiva figuração das redes de dormir, objeto indígena que é também uma invenção genial. Nela, Carmézia Emiliano retrata como as redes se organizam em um

CARMÉZIA EMILIANO

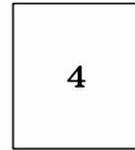
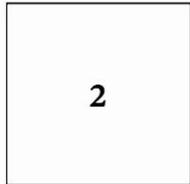
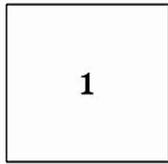
ambiente compartilhado. A composição remete à trama que cria a própria rede, e as proporções do quadro também são dignas de nota. A cor preta ao fundo sugere que a ação se passa à noite. O telhado, que parece ser feito de sapé, difere das cores vivas do resto do quadro. Figurado em outro registro, ele é responsável por criar uma triangulação no espaço da tela e confere à obra uma forte percepção de profundidade. Há pessoas deitadas em todas as direções, e algumas delas compartilham a rede em duplas, criando um senso de coletividade e sociabilidade do qual dá vontade de participar.

5.

As representações da fauna e da flora são um tema frutífero do vocabulário visual de Carmézia Emiliano. Em termos formais, as figuras costumam ser elaboradas a partir de linhas verticais bem contornadas de cores intensas, criando cenários cheios de árvores e animais que transbordam vida. Araras e cajueiros, comuns na região onde vivem os macuxis, repetem-se em um número expressivo de pinturas. Também, destaca-se a figuração do monte Roraima, recorrente no repertório da artista por se referir ao mito Wazaká que conta a história de Makunaima e seus dois irmãos. Certo dia, eles veem-se incapazes de continuar se alimentando dos frutos caídos no chão da monumental

CARMÉZIA EMILIANO

árvore, eram rapidamente devorados pelos animais ali presentes. Assim, o trio resolveu serrar seu tronco no intuito de alcançar os frutos do alto de sua copa, uma ação que deu origem ao que atualmente é a montanha roraimense. Além do relevo, esse corte teria criado os rios e as árvores frutíferas da região. O interesse da artista em representar essa história, demonstra um trabalho comprometido com a manutenção da memória coletiva de seu povo, bem como com uma subjetividade dotada de forte preocupação ecológica.



1. *Passarada*, 2012

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

2. *Quatis*, 2019

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

3. *Coruja*, 2018

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

CARMÉZIA EMILIANO

Produzida com uma paleta de cores sóbrias selecionadas cuidadosamente para remeter a uma atmosfera noturna, esta é uma pintura que se destaca no corpo da obra de Carmézia Emiliano. Dentro das malocas, as personagens repousam tranquilamente protegidas por cachorros, alguns em posição de descanso e outros em estado de alerta. A linha que estrutura o horizonte da noite tranquila é camuflada por grandes árvores que são abrigos para as malocas e as corujas, as quais são representadas com olhos alertas e posturas ativas: elas parecem determinadas a proteger a tranquila ambientação contra qualquer um que ouse perturbá-la. Ainda que a lua seja a principal fonte de luz da pintura, ela não é

CARMÉZIA EMILIANO

capaz de retirar o protagonismo da cena das aves de hábitos noturnos.

4. *A Mata Geral*, 2022

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

***Os caçadores*, 2022**

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

***Wazaká*, 2022**

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

CARMÉZIA EMILIANO

Wazaká / Árvore da Vida, 2022

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Adriano Pedrosa,
em memória de Selma Pedrosa, 2022

Quando buscou representar sua teoria da evolução, Charles Darwin (1809-1882) encontrou no arquétipo da árvore da vida uma ferramenta teórica e um modelo visual. Essa metáfora para todas as formas de criação tem sido primordial em diversas tradições mitológicas, religiosas e filosóficas ao redor do mundo. A imagem e o imaginário a ela associados serviram ao cientista para descrever as relações entre organismos, vivos e extintos, conforme sua

CARMÉZIA EMILIANO

seminal pesquisa “A origem das espécies”. A árvore confirma a continuidade da vida no universo e foi escolhida para dar título a esta exposição. A versão de Emiliano – também nomeada Wazaká –, remete ao mito em que é derrubada por Makunaima, o herói macuxi. Além de seu tronco ter dado origem ao monte Roraima, seus frutos espalharam as sementes culturais macuxis pelo mundo.

Colhendo caju, 2022

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

Araras, 2018

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

CARMÉZIA EMILIANO

Maloca Maracanã, 2022

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

6.

Na obra de Carmézia Emiliano, os cursos fluviais que atravessam a Terra Indígena Raposa Serra do Sol são espaços de cenas admiráveis de sociedades comunitárias e em harmonia com a natureza. Lagos, rios e igarapés não são somente fontes de água, pois configuram lugares de encontro e sociabilidade. *Timbó*, termo que se refere a um conjunto de espécies botânicas usadas para atordoar peixes e facilitar a sua captura, dá título à obra que reproduz uma cena de pescaria e cuja composição destaca o caráter coletivo do trabalho na Maloca do Japó. Esse tema se repete de forma análoga em *Moqueando peixe*. Já em *As sereias*, a mesma água doce que alimenta a prática

CARMÉZIA EMILIANO

econômica da pescaria é mote simbólico de relações de troca e convivência. O forte azul do igarapé contrasta com os intensos tons de verde da densa floresta que o circunda, conferindo centralidade a um lago que é, ao mesmo tempo, palco de sociabilidade feminina e moradia de seres mitológicos. Os múltiplos e superpostos papéis que transbordam das águas dos lagos encontram seu ápice visual na pintura a *Lenda do Caracaranã*, uma ode à vida que pulsa a partir do conjunto de atividades provenientes de uma ocupação que é, ao mesmo tempo, social, econômica, cultural e sustentável do espaço.

CARMÉZIA EMILIANO

LEGENDAS DE OBRAS | 6

***A Lenda do Caracaranã*, 2009**

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

Em um lago de limites azuis marcadamente arredondados e abastecido por um curso fluvial oriundo de uma floresta de buritis, convivem harmoniosamente banhistas e dois cavalos, personagens curiosos que brincam entre si. O aspecto lúdico do círculo central se reflete nas cores vibrantes que criam, em seu entorno, os limites das formas de cajueiros carregados, figuras humanas em situações diversas e uma fauna de jacarés, onças, tatus, antas e veados.

Segundo a artista, grandes cardumes de

CARMÉZIA EMILIANO

peixes e histórias milenares transmitidas por gerações dividem as profundezas dessas águas. Com um nome onomatopaico que se refere ao canto de um pássaro, o lago Caracaranã é um tema recorrente no trabalho de Carmézia Emiliano. Nesta obra de composição complexa e ricamente detalhada, a artista recusa a tradicional representação apaziguada, passiva e inóspita da paisagem canonizada pela história da arte ocidental em favor de um espaço dinâmico e cheio de vida.

Moqueando peixe, 2020

Óleo sobre tela

Coleção particular, São Paulo, Brasil

CARMÉZIA EMILIANO

***Timbó*, 2009**

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

***As sereias*, 2011**

Óleo sobre tela

Coleção particular, São Paulo, Brasil

***Pescaria*, 2011**

Óleo sobre tela

Cortesia Central Galeria, São Paulo, Brasil

Em *Pescaria*, a atividade a que o título da pintura alude é parte central da composição do quadro. O lago, de um sólido azul vivo, domina a tela e dirige o foco sobre os pescadores, quase sempre em duplas

CARMÉZIA EMILIANO

formadas por uma pessoa adulta e uma criança. Enquanto a primeira lança a rede, a segunda garante a guarda dos peixes.

Abundantes, eles também alimentam as inúmeras aves e outros animais que, em harmonia, se beneficiam da natureza. A cena representa a um só tempo situações de trabalho e educação, como é corrente na pintura da artista, revelando que a transmissão de conhecimentos ocorre no cotidiano. É possível notar ainda que a proporção dos elementos do quadro não diferencia as figuras, o que marca o trabalho com uma forte sensação de unidade, bem comum e consciência ecológica.

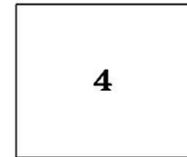
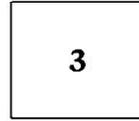
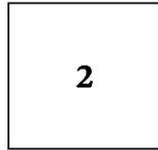
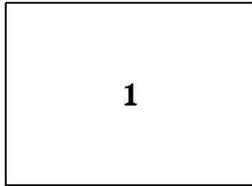
7.

A transmissão de saberes de forma coletiva e compartilhada é tema deste núcleo, um eixo central da obra de Emiliano. A mostra do MASP revela que há muitas maneiras de ensinar e aprender, seja institucionalizada em espaços formais de transmissão de conhecimento, seja por meio da experiência prática em atividades cotidianas. Assim, é possível observar que a escola não é apenas sugerida pela lousa e pelas carteiras: ela está presente em trabalhos como *Festival da panela de barro* e *Desafiando algodão*, nos quais a artista compõe imagens que revelam formas habituais de legar história, cultura e ofícios.

Nas duas telas, chama atenção o protagonismo das mulheres na perpetuação de uma pedagogia prática e oralizada de transmissão de conhecimento intergeracional. Nesse processo, é fundamental o papel exercido pela culinária. Em *Damurida*, o prato típico da culinária macuxi – composto por um caldo de peixe com bastante pimenta e ervas – adquire contornos a partir de uma composição análoga à de uma natureza morta. Aqui, é estabelecido um jogo em que o gênero canonizado pela representação de objetos inanimados e estáticos dão forma a um dos pilares de uma tradição cultural viva e dinâmica. Todavia, é definitivamente em *Aprendendo* que a coletividade, no que diz respeito à transmissão de saberes, atinge

CARMÉZIA EMILIANO

seu apogeu visual. Neste trabalho, a dimensão do aprender transcende as limitações da sala de aula tradicional e se estende para diversos outros contextos.



1. *Damurida*, 2013

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

2. *Festival de panela de barro*, 2019

Óleo sobre tela

Coleção Augusto Luitgards, Brasília, Brasil

3. *Desfiando algodão*, 2015

Óleo sobre tela

Coleção da artista, Boa Vista, Brasil

4. *Aprendendo*, 2020

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista, 2021

Na tela *Aprendendo*, é possível notar, ao centro, um grande telhado de sapé que abriga um grupo de estudantes atentos à professora. Na lousa, afixada em uma parede de pau a pique, lê-se a tradução da palavra vovó para o macuxi, ko'ko'. No entanto, observa-se ao redor a organicidade com que ocorre a transmissão de saberes, além da estrutura escolar. Pessoas de diferentes idades aprendem as técnicas de fiar algodão e tecer, produzir cerâmica, bem como trançar fibras naturais para a

CARMÉZIA EMILIANO

confeção de objetos diversos. O chão de terra batida ocupa uma parte significativa do quadro e abriga a vida comunitária, de caráter eminentemente coletivo. Nota-se que a linha do horizonte é deslocada para cima e apresenta três faixas de cor, todas representando elementos da natureza: o planalto verde à frente das montanhas, em marrom, e uma pequena faixa de céu sem nuvens e sem a chuva tão característica da região.